

A EQUIPE DO
Olho aberto

MARGARIDA PATRIOTA

Prêmio Brasília de Literatura
de 1991, na categoria Juvenil

Prêmio Adolfo Aizen de Literatura
Juvenil - 1995, da União
Brasileira de Escritores.

Ilustrações:
Ana Raquel

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Patriota, Margarida
A equipe do Olho Aberto / Margarida Patriota;
Ilustrações de Ana Raquel.
- São Paulo: Formato Editorial, 1994.

ISBN 978-85-7208-101-6

I. Literatura infantojuvenil I. Raquel, Ana
II. Título

94-0560

CDD – 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

3ª edição
6ª tiragem, 2018

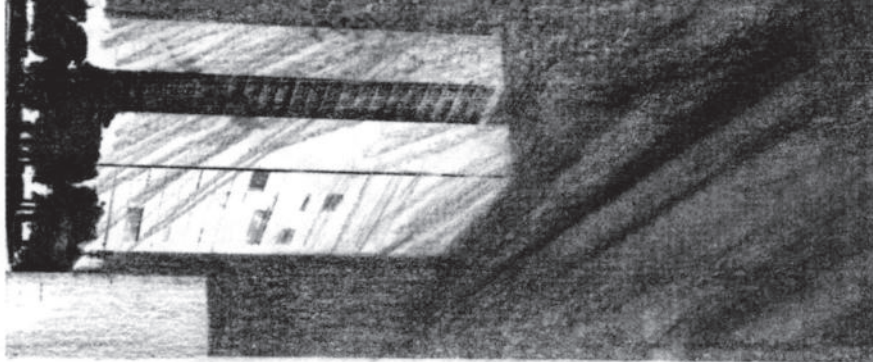
958599.003.005

CL: 810960
CAE: 576965

Sumário

Estudante do 9º ano passa a noite embaixo da ponte	5
Grupo rival desaprova jornal	15
Aluna sensível desmaia na aula	31
Pianista famosa nega conversa	47
Grupo poderoso assume controle do OLHO ABERTO	57
Vizinho apaixonado marca data para enforcar-se	67
Matéria paga dá muito rolo	79
Jornalista em crise pede demissão	95
Noticiário entrega grande sonegador	105
Rei deposto perde capangas	111
OLHO abre nova fase	121

*Ao Japa, e aos do Intelectus,
num colégio de Brasília...*



ESTUDANTE DO 9º ANO
PASSA A NOITE
EMBAIXO DA PONTE

1

Zombaram, quando se ergueu vaidoso, declarando que ia dormir ao pé da ponte.

– Lá vai o Rui extrapolando!

As ideias tinham um jeito de crescer nele até as últimas consequências. Seriedade, em sua cabeça, supunha coerência. Um impulso necessário de ligar mente e ação. De modo que vai – determinado, teimoso – indiferente ao riso dos colegas, talvez um tanto desafiado com a descrença.

Desce do ônibus, na altura em que enveredava pela pista do Congresso. Caminharia rumo à ciclovia e à ponte.

– Não te acompanho – grita Eclipse, debruçando-se fora do ônibus –, pois vão pensar que sou um deles!

Eclipse era preto como as trevas.

– Ah, isso iam! – ri Mauro, no interior do coletivo. Por sua vez grita pela janela: – Ei, Rui! Esqueceu o travesseiro! O cobertor!

– Só mesmo o Rui... – murmura Sônia. Vira-se para Mauro, que retomava o lugar no banco. – Rui é legal!...

– Mas mete radical! Mete sério nisso! – completa Eclipse, encaminhando-se à dianteira do veículo.

“Sério demais...”, concorda Mauro em ponto e vírgula. Agita no ar o molho de chaves em adeus a Eclipse, cuja parada é aquela. Verifica as horas no relógio. Pela janela, vê o céu pesado e cinza. Em seguida volta-se para Sônia:

– Pensa que pode mudar o mundo.

Refere-se a Rui, naturalmente.

Chaveiro em mãos, contempla embevecido o emblema do time de futebol.

– Não vê que esquento – diz, entre posudo e pensativo. – Sofrer, só sofro pelo Botafogo! – acrescenta.

O vento sopra violento.

Na virada de acesso ao Lago Norte, revoluteia sem compaixão os bambuzais. Zune por entre os quiosques da área de lazer, ameaça carrear as palmas secas. No caramanchão de trepadeiras, varre folhas, copos plásticos, poeira.

“Que ventania!”, Rui pensa, impressionado em como o vento o empurra encosta adiante. O bar do parque está aberto, alcança-o.

– Me vê aí um guaraná – pede.

O vendedor entrega a lata que ele pronto destrava. Bebendo, o gás gelado pinica na garganta. Ativa-lhe a fome. Confere os trocados disponíveis, pede então:

– Esse rissole – mostra o maior da bandeja. – E duas paçocas.

Ganha, com o lanche, a sensação de saciedade e a ilusão de estar repleto para a noite.

Segue o caminho, atento, como quem escolhe por conta própria a ousadia e a transgressão.

Dormiria a noite sob a ponte – ideia antiga e secreta.

Arrisca-se sozinho, convencido de que avisar em casa era o mesmo que gorar o projeto de antemão.

Não. Não se ririam, como o fizeram Sônia, Mauro e Eclipse, os colegas da oitava série. Proibiriam, por mais que entendessem a boa intenção do seu propósito.

Age, sim, sem consulta. Embora tranquilo de que não por espírito de revolta, e sim por achar que desempenha uma missão.

Calcula seis horas avançadas, quase sete.

Precavido, evita usar relógio, ou outro objeto que o exponha a assalto.

Na relativa claridade, percebe o lago marulhando. Atingida a margem da península, atravessa a ponte.

“Uau...”, o vento, de frente, parece um bloco sólido, contrariando o avanço. “Esperei tanto, pro pior dia!”, exclama.

Segue, no entanto.

Decisão tomada, o tempo ruim ou o tempo bom não a alteravam. Acolhia, no íntimo, as condições desfavoráveis, como espécie de tempero à aventura. “Vou descobrir o que essa gente aguenta!...”

Hora do rush, guardas de trânsito conciliam o fluxo de carros e pedestres junto à ponte. Os carros procuram atravessá-la. Pedestres correm ao ponto do ônibus.

Rui passa pelos caminhões que, neste fim de Plano-Piloto, vendem mudas, frutas, plantas. Seus donos, antecipando o aguaceiro, movimentam-se afobados, tentando recolher os pertences. Breve partiriam para Sobradinho, Planaltina, Formosa, redondezas.

Ao contrário deles, que se aprontam para ir embora, os moradores do gramado fortalecem as tendas. Fincam estacas, escoram chapas de compensado, estendem plásticos por sobre os tetos de papelão.

Rui calcula intimamente: “Vão dormir em baita lama...” Põe-se a observar famílias que, com a tralha de caixotes, fogareiros, bacias, ocupam o espaço público, integrando-se à cidade de Brasília.

Um pingo d'água enviesado dá-lhe à nuca. Um pingo à testa, outro aos cílios, e pinga pinga pinga, pinga mais, cai a chuva.

“E agora, o que faço?” Rui pergunta-se, confuso. Imagina correr, a fim de enfiar-se numa tenda. Mas não. Conquanto frágeis, ilegais e indesejáveis, as barracas pertencem aos que, com a cara e a coragem – o desespero e a precisão – ali vivem. “Se entro numa, me expulsam”, cogita.

É quando rajada de vento o balança, precipitando-o a ganhar, numa chispada, o vão da ponte.

*

“Meu Deus do Céu, o que faço aqui?”

Quem o trouxera ao viaduto?

A loucura? O OLHO ABERTO? A birra que tem do Roberto? Ou o interesse há muito tempo cultivado pelo assunto? Poderia preparar a reportagem sem vivenciar as invasões? Achou que não.

Planejara a missão, de fio a pavio, durante horas, na cabeça. Não previra o impacto da hora agá. De modo que ali está, abrigado em pé, junto à coluna, esquecido das perguntas que ensaiara, esquecido do motivo que o move – apatetado, em suma.

Minutos de chuva em queda rápida causam a enxurrada.

A laje da ponte protege o corpo, canela acima, porém os pés se encharcam, a água subindo. Breve os sente como mergulhados num pântano.

O que fazer? Retroceder? Expor-se à dureza da chuva? Em meia hora de caminhada à casa, apanharia pneumonia. Quer o quarto, um banho quente, porém nessa de desejar pijama e cama, talvez um raio o fulmine antes.

“Além do mais, seria covarde...”, pensa. Naquele instante, há gente como ele, no vão da ponte. Gente de osso, carne e alma.

Passado um tempo em que se apoiava na coluna, ouve chamá-lo uma voz rouca:

– Sobe cá!

Vira-se e vê o homem magro, agachado a meia-altura da parede de retenção.

– Vem pro buraco, aqui é seco.

O sujeito leva olhos cavos, bigode espesso e fios ralos na cabeça. A mulher ao lado, magra e ossuda como ele, parece sua irmã, embora provavelmente não o seja. Atrás, num buraco, aninham-se quatro crianças. Mantas, latas, bancos empoleiram-se amontoados, onde o vão faz ângulo.

Rui estima que o espaço de contato entre a terra e a laje será, sem dúvida, o único enxuto. Apresenta, contudo, aspecto úmido, sujo e escuro. Para lá ficar, o indivíduo ou bem acocora, ou bate a cabeça nas toneladas da ponte.

Lembra-se de que antigamente o vão da ponte fora um barranco de terra. Terminava nuns três metros de calçada horizontal, até chegar nas colunas de apoio. Sempre atraía moradores. Os migrantes vinham, residiam, sumiam, mas sempre havia moradores. Foi quando o governo resolveu murar a inclinação. Suprimindo a calçada, cimentando o plano inclinado, acreditava desestimular a habitação. O movimento diminuiu, sim. Não acabou. Como praga que não larga, vinha um, forçado a se asilar.

– É o jeito, vou... – Rui conforma-se.

Os pés molhados pedem socorro. Tenta subir na afobação, escorrega.

– Me dê a mão! – propõe o homem.

Rui aceita. Um passo acima equilibra-se e acocora. Tem lama nas narinas.

*

Desatino, largar a roça em Buritis, para vir morar em Brasília.

– Pensei que fosse vantagem – alega Rubem de Jesus.

Quer dizer:

– Não essa ponte. Brasília.

Em sua terra se espalhara a notícia de que distribuíam lotes no Distrito. Conterrâneos seus haviam migrado, ocupado a ponte por um tempo, e ao fim obtido assentamento em Samambaia ou Brasilinha. Agora o governo surgia com essa história de que foi só no começo, de que só atendia pessoal antigo, com mais de cinco anos de cidade e rua...

– Por que não voltam?

– Pra Buritis? – Rubem atalha. – Talvez volte... – diz –, depois de tirar o gesso do menino.

Rui volteia. Repara os meninos. Havia um com colete de gesso.

Sacode a cabeça, tenso, entre o intuito de remover o barro da orelha e espantar o assombro. Segura o silêncio por um instante, e pergunta:

– Quando precisam... como é que fazem pro banheiro?

– Tem o das lojas – explica Rubem, ao que a mulher acrescenta:

– Tem o do parque em frente.

Sem dúvida. Está lá o parque de lazer na outra margem.

À medida que o barro resseca, virando crosta, Rui se sente autêntico bife à milanesa. Repuxa a barra da camisa para esfregar os olhos. Apalpa de repente o bolso esquerdo, recordado de que guardara bloco e lápis.

Rubem, que se regala a observá-lo, assume subitamente um ar sombrio e irrompe:

– Andou roubando, menino? Agora foge da polícia?

Rui assusta-se e defende-se:

– Fugindo de quê?! Eu nem roubei, nem tou fugindo!

Cala-se, confuso, sem saber se ali está um aliado ou um inimigo. Acha maluca a pergunta. “Ladrão...” Só se era Rubem estranhando a roupa inteira, o bom sapato, o ar tratado, diferente de um verdadeiro menino de rua.

– Mora aqui perto? – Rubem indaga.

– No Varjão – diz Rui.

Mente, temeroso de revelar que reside em ampla casa ao Lago Norte. O Varjão, primeiro nome que lhe ocorrera, é o bairro dos pedreiros e empregadas. Bairro de pobre, em verdade.

Rubem contenta-se com a resposta, ou então é o Fusca, atolando, convocando sua atenção.

– Dali não sai – opina pessimista, vendo o carro. – Não enquanto a água tá arribada...

– Parece que não – Rui concorda.

O Fusca enguiçado se convence também. Salta um homem de dentro, tranca-o, encaminha-se para eles com a calça enrolada nos joelhos.

– Oi de casa! – graceja, afetando ar brincalhão. Olha para o Fusca afundado na água, aí azeda a expressão. – Tirei o Cremoso há pouco da oficina! – Suspira triste e desnorreado. – Pior que a Luíza vai pensar que dei o bolo!

– É... água esbagaça que é danado!... – Rubem fala, comentando.

O homem devolve-lhe um olhar cortante e pouco grato. Nisso um estalo se produz, causando cegueira instantânea.

– ‘Cabou a luz – Rubem informa, inalterado.

– Só o que faltava! – exclama o dono do Fusca. – Sem carro, sem luz, sem namorada! – continua – , o quê que eu fiz? O quê que eu fiz?

Cala-se, permitindo ouvir o barulho da chuva.

– Fiquem vocês! – de repente volta, anunciando: – Aqui não fico!! – diz, e some na tempestade.

*

Entre tempestade, escuridão e desconforto, Rui vai perdendo a noção do tempo.

O achatamento prolongado machuca os tornozelos. Por quanto, ainda, aguentará?

A luz elétrica, desativada, acoruja o olhar, habituando-o ao breu. Em dado momento, põe-se a entoar, sem mais nem menos:

Era uma casa muito engraçada

Não tinha teto, não tinha nada

Era a cantiga do Jardim Pinóquio... da tia Nilze... Também ouviu-a cantada ao rádio, na voz de Vinicius de Moraes.

Ninguém podia fazer xixi

Porque pinico não tinha ali

Essa era a casa do faz-de-conta, sem placa ou número de endereço. Rui emenda-a na cabeça:

Era uma casa com chão de banda

Sem luz elétrica, água encanada

Agora, sim, corresponde ao vão da ponte.

Ninguém podia nem se despir!

“Claro que não no meio da rua!...”, Rui reflete. E, desapontado, lastima-se. Ao menos pudesse se livrar da roupa enlameada-